



CONTEMPLANDO O MAR

(«Cliché» Sarcoz)

II série — N.º 525

Lisboa, 13 de Março de 1916

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SECULO

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
 Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
 Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Assinatura para Portugal, { Trimestre 1\$20 c. v.
 colónias portuguesas { Semestre 2\$40 ..
 e Hespanha: { Ano 4\$80 ..
 Numero avulso, 10 centavos

• Redacção, administração e oficinas: rua do Seculo, 43 •

REMINGTON UMC
Cartuchos Calibre 22 Para Tiro Ao Alvo E Caça Meuda



Este alvo mostra 10 tiros feitos da distancia de 100 jardas. Feitos por J. Pepé do London Daily Telegraph. Autoridades Europeas admittem que este grupo de tiros foram os mais centralmente postos que elles conhecem. O Snr. Pepé já atirou 9000 tiros com o rifle com que elle fez esta marca—esta é uma recommendação eloquente que as munições REMINGTON-UMC não destroem nem sujam a cano. Acham-se á venda nas principaes casas d'este genero.



REMINGTON ARMS-UNION METALLIC CARTRIDGE COMPANY
 299 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.
 Representantes:
 No Sul do Brazil
LEE & VILLELA
 Caixa Postal 420, São Paulo
 Caixa Postal 183, Rio de Janeiro
 No Territorio do Amazonas
OTTO KUHLÉN
 Caixa Postal 20 A., Manaus

Agente em Fortuga: G. Heitor Ferreira, Largo do Camões, 3, Lisboa.

Vizella
 O MELHOR SABONETE

TELEPH. PERFUMARIA-#2638
ROSA D'OURO
 COLOSAL SORTIMENTO
 Rua do Ouro, 261 JOAQUIM R. ALVES
 LISBOA

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE E FISIONOMISTA DA EUROPA
MADAME



Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quíromancias, cronologia e fisionomia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbaro les, Lambrose, d'Arpenligny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos

que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglés, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 18000 réis, 28500 e 58000 réis.

REMEDIO FRANCÊS
XAROPE FAMEL
 CURA INFALLIVELMENTE BRONCHITES Mesmo Chronicas
TOSSES ASTHMA
 FRASCO 1 ESCUDO
 Em todas as pharmacias ou no c'nosito geral J. DELIGANT, 15, rua dos Sapateiros, Lisboa. Franco de porte compranda 2 frascos.

¿Cai-te o cabelo? Escreve hoje mesmo um simples postal á Penfeadora «La Madrileña» e gratis te informara d'uma maravilha para evitar e curar com certeza absoluta todas as doencas do cabelo e da pele. Rua Diario de Noticias, 61, rjc.

MAIZENA



Pudim de "Maizena"

Sabeis que uma sobremesa pode ser leve e delicada—muito facil de fazer—e, ao mesmo tempo pode encerrar excellentes qualidades nutritivas? As VERDADEIRAS sobremesas preparam-se com "Maizena."

PUDIM DE MAIZENA COM LIMÃO

Deite-se o sumo e a casca ralada de dois limões em seis onças de azeite e tres de "Maizena" e dissolva-se bem em agua fria. Deite-se quartilho e meio de leite fervendo, mexendo-o até ficar basto. Retire-se do fogo e deite-se-lhe uma onça de manteiga e quatro ovos; leve-se novamente ao fogo, tendo o cuidado de o não deixar queimar; retire-se quando esteja espesso e, em seguida, encha-se algumas taças ou moldes já humedecidos com agua fria e poderão ser immediatamente despejados. Nata e açúcar, ou qualquer molho doce, são preferivis.

NATIONAL STARCH CO. New York, E. U.
 Á venda em todas as lojas de generos alimenticios do paiz

FOTOGRAFIA



A MAIS ANTIGA DE PARIS
 AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre—PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09 ASCENSOR

Lêr às quintas-feiras o

"Século Comico"

PREÇO: 1 centavo

Perfumaria Balsemão
 141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
 TELEPHONE Nº 2777-LISBOA



Revista Portuguesa

CRONICA

N.º 525

13-3-1916



Cinzas

Mais um Carnaval que passa. Melhor que o do ano anterior? Peor? Não é facil dizel-o. A afirmação de que o Carnaval está decadente é um simples logar-comum. O que está decadente entre nós não é o Carnaval,— é a sociedade. Um Carnaval brilhante é impossivel sem uma sociedade brilhante. Não temos alegria. Não temos dinheiro. Não temos ate. Como queremos nós ter Carnaval? Foi Musard, foi Déveria, foi a plutocracia de Luiz Filippe, foi a esfusiante alegria franceza, que fizeram o Carnaval romantico de 1840. Tudo isso nos falta a nós. Substituímos a alegria pela brutalidade, o dinheiro pela miseria, a arte pela devassidão. O nosso Carnaval é hoje o que foi hontem e o que será amanhã: uma festa de crianças, de mendigos e de mulheres perdidas. Melhor? Peor? Não. Sempre o mesmo. Hediondo, — e eterno.



Mais um Carnaval que passa. Melhor que o do ano anterior? Peor? Não é facil dizel-o. A afirmação de que o Carnaval está decadente é um simples logar-comum. O que está decadente entre nós não é o Carnaval,— é a sociedade. Um Carnaval brilhante é impossivel sem uma sociedade brilhante. Não temos alegria. Não temos dinheiro. Não temos ate. Como queremos nós ter Carnaval? Foi Musard, foi Déveria, foi a plutocracia de Luiz Filippe, foi a esfusiante alegria franceza, que fizeram o Carnaval romantico de 1840. Tudo isso nos falta a nós. Substituímos a alegria pela brutalidade, o dinheiro pela miseria, a arte pela devassidão. O nosso Carnaval é hoje o que foi hontem e o que será amanhã: uma festa de crianças, de mendigos e de mulheres perdidas. Melhor? Peor? Não. Sempre o mesmo. Hediondo, — e eterno.

Verdun

Wilson chamou á guerra actual «uma ignominia». Benedito XV, na pastoral admiravel que acaba de publicar, chama-lhe um «suicidio em massa». Teem ambos razão. A grande luta europeá, pelos motivos que a determinaram, e, mais ainda, pelo aspecto que reveste, merece a reprobção da consciencia universal. A escola de honra, de nobreza e de bravura que era a guerra antiga, acabou. Desapareceu a epopeá; ficou a carnificina.



O que foi Verdun? Uma glória? Não. Uma catastrophe. N'esta hora amarga de incerteza e de anciedade, a nossa simpatia e a nossa comoção estão ao lado da França, — que, como a Belgica oprimida, como a Servia esmagada, se bate, na frase de Rostand, «pour la gloire et pour des prunes».

Duas sombras

Quasi á mesma hora, o telegrafo trouxe-nos o nome de dois grandes mortos: Mounet Sully e Carmen Sylva. O grande creador do «Edipe Rei» e a instituidora compadecida da «Vatra Luminoosa», extinguíram-se precisamente no dia em que se feriu a mais sangrenta batalha de todos os tempos. Mounet Sully não voltará, sobre os coturnos de oiro da tragedia grega, a dar ao mundo a lição da beleza eterna. Izabel da Romania, poetisa e rainha, amortalhada agora na cripta do mosteiro de Curteadarges, não tornará a oferecer á miseria humana o exemplo admiravel da sua caridade. Dir-se-hia que as duas grandes sombras gloriosas desapareceram da vida quando, perante o espetáculo nitzschiano da força devastadora, parecem já inuteis sobre a terra toda a caridade e toda a beleza.



Livros

Entretanto, no nosso pacifico mercado, os livros aparecem. Acabam de chegar dois á minha meza de trabalho. O primeiro, na fluida e admiravel prosa de Hemetério Arantes, fala-nos da nobre e bondosa senhora D. Tereza Rio Maior, madre geral das terceiras dominicanas, que tanto resplandesceu em talento e em virtude. O segundo, as recémchegadas «Cronicas d'Arte» de Aarão de Lacerda, aparece-nos como a afirmação d'um cultissimo escritor na posse incontestavel d'um penetrante espirito de critica e de analyse: falamos um pouco de tudo, — da «Gioconda» e de Leonardo de Vinci, de Ibsen e de Beethoven, de Weber e de Grieg, de Wagner e de d'Annunzio, da «grande saison» de Paris e das danças gregas de Napierkowska, do pragmatismo e da arte romanica, de archeologia e de «folk-llore», — sempre com a mesma elegancia, a mesma serenidade e a mesma distincção. Pertencem, um e outro, ao pequeno numero dos livros que se amam, — e que se guardam.



JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).



O ROMANCE DE FREI GIL

Era austero e sisudo; não havia
Frade mais exemplar nes-e convento;
No seu cavado rosto macilento
Um poema de lagrimas se lia.

Uma vez que na extensa livraria
Folheava o triste um liv: o pardacento,
Viram-no desmalar, cair do assento,
Convulso e torvo sobre a lagea fria.

De que morrerá o venerando frade?
Em vão busco as origens da verdade,
Ninguém m'a disse, explique-a quem puder.

Consta que um bibliófilo comprára
O livro estranho, e que ao abri-o achára
Uns dourados cabelos de mulher...

«Odor di femina»

GONÇALVES CRESPO.

DE pé, no meio da estreita cela de paredes muito brancas, onde um grande crucifixo negrejava a dolorosa agonia de um Cristo todo em chagas, gotejando sangue, Frei-Gil olhava pela janela gradeada a amplidão dos campos, onde no arvoredado nodoso alegres passaritos soltavam canções ao vento.

A primavera anunciava a sua triunfal chegada, toda sol e alegria, flores desabrochando por toda a parte em coloridos bizarros e aromas embriagantes, o prazer de viver a manifestar-se nos homens e na Natureza—vivo reflexo do grande Deus creador e omnipotente.

E entretanto nem tudo era riso e era paz sobre a terra, aquela hora fecunda de nova vida. Portas a dentro de uma acanhada e humilde cela do mosteiro, um pobre frade, de rosto macilento alvejando no capuz escuro do habito, sentia-se triste, bem triste, acorentado a uma prisão a que voluntariamente se entregára, mas cujas cadeias agora lhe pezavam tanto, tanto, na tensão da saudade que debalde as apertava sem lograr quebra-las.

A saudade!...

Como ela o pungia no agro-dôce recordar de outros tempos, os fugidos tempos da sua mocidade... Porque Frei-Gil fôra outr'ora moço e feliz. Era novo, amava, era amado, que mais desejaria?

E afinal fôra tão simples todo esse romance de amor, eterna pagina cem vezes escrita pela mão tremula de mil enamorados que outros mil, antes que de novo a copiem, hão-de ler e reler com o olhar torvo de lagrimas...

* * *

A casa solarenga de seu pae quasi defrontava com a dela, uma das choupanas dos caseiros, paredes-meias dos acanhados apriscos de onde por noites abafadiças de verão vinha

o bafo ardente do gado, um cheiro forte de curral que estonteava.

A zagala era bela e forte, uma mocetona guapa de musculos rijos curtidos ao vento frio da serra, e tinha os mais lindos olhos da aldeia e um certo modo de os poisar no chão

às mais simples galanterias dos pastores que era de uma graça que não ha palavras que a descrevam...

Viu-a numas férias grandes do fim do ano e amou-a com devotada paixão, a principio como a uma santa, com profundo respeito, quasi com temor.

Filho unico de lavradores ricos, seus paes com certeza não veriam com bons olhos aquele amor por uma criatura tão simples, tão humilde, o seu amor, para o qual agora inteiramente vivia de corpo e alma, e por isso o ocultou bem lá no intimo, indo encontrar-se com ela por sitios escusos ao alto da montanha, onde o rebanho vagueava horas esquecidas sob o olhar agora indiferente da rapariga, ebria daquele novo sentimento que a fazia por vezes altear o peito em fundos suspiros numa anciedade vaga de quem teme e ao mesmo tempo aneia por adivinhar misterios, cheia de presentimentos que a faziam delirar em sonhos ou debulhar-se em lagrimas ocultando a cabeça no peito robusto do namorado.

E erravam os dois lá por cima, todo o santo dia, ele com a desculpa da caçadeira, sempre silenciosa, afastados dos caminhos para que outros pegureiros não fôsem encontrá-los e descobrir lá em baixo os seus amores ocultos, nos serões á noite, nas eiras lavadas de luar, quando as mulheres fiam nas rocas e os homens estendidos no chão descansam da rude faina do dia, após o abandono da charua e da enxada...

Possuiu-a assim uma noite, singelamente, sob as estrelas que vistas da serra parecem mais baixas, mais perto dos homens e mais brilhantes.

O rebanho esperava reunido e paciente a volta tardia ao redil.

Uma estrela despreendendo-se do azul e riscando um largo sulco de luz, logo apagado no céu limpo de nuvens, lançou no espirito crente dos dois um sinistro presagio. E foi silenciosamente que se separaram—ele para no dia seguinte voltar ao convívio fastidioso dos companheiros de estudos que não compreendiam as suas saudades, a rapariga para delas se finar e da vergonha da sua falta, sempre com a idéa posta naquella estrela fugidia que rasgára no infinito o proprio simbolismo deste romance banal.

Viu-a, na volta a outras férias, estendida no

pobre caixão de pinho nú, tendo na face branca de neve um sereno sorriso de felicidade, livre agora do peso da sua falta e da ameaça cumprida da sua estrela.

viver dentro daquelas quatro tabuas nús para a vala comum dos pobres no pequeno cemiterio da aldeia.

Depois veio um velho com uma sobrepeliz de



As mãos, cruzadas no peito, seguravam um crucifixo. Em volta havia lagrimas em todos os olhos e soluços abafados na garganta dos paes, que assim viam fugir-lhes a alegria de

antigos oiros gastos, disse baixinho as orações do ritual, aspergiu-a com agua benta, e lá a levaram, devagar, entre chóros e rezas do mulhero para a morada de onde jámais ninguém voltou.

E era a sua alma que eles ali levavam, a sua felicidade que se ia, tamanha e em tão pequenino espaço encerrada para sempre!...

Então, prêso de eterna dôr, sepultara-se vivo no tumulto conventual, amortalhara-se vivo naquele habito de grosseiro burel, surdo às lastimas dos paes, deixando aos pobres os seus bens futuros para viver egoistamente só, com a sua saudade e a sua amargura, os seus males presentes.

Lentamente, como n'um sonho, tirou de um pequeno armario, unico ornamento inutil da sua céla, o confidente das suas dôres, um violino, companheiro de alegrias esquecidas do seu tempo de estudante, e começou a gemer baixinho uma aria triste, de uma candida doçura, que traduzia todo o intenso sofrimento que lhe ia na alma.



Fôra, acompanhando o soluçar do violino, um rouxinol começou a trinar, empoleirado nos ramos de uma macieira em flôr.

E o violino chorava, chorava sempre...

Pelas enrugadas faces de Frei Gil duas lagrimas deslisaram lentamente, como duas perolas, e foram sumir-se entre as marfineas contas do rosario.

Agora o violino gritava, com furia, como tocado por um louco, compassos plangentes, dolorosos, de uma harmonia estranha. Eram como uma queixa, um brado de indignação, um grito de revolta contra um Deus deshumano e cruel, contra o desdem e o egoismo dos homens, contra a Natureza inteira! Mas breve, como que arrependido, voltava a soluçar baixinho uma prece de perdão.

No silencio do campo a voz de uma mulher passando da ribeira, roupa humida á cabeça no alguidar de barro luzidio ao sol, entoou

uma canção alegre que falava de amor e de beijos trocados aos poentes, quando os sinos se preparam para tanger Avé-Marias, entre as altas espigas de oiro do trigo, sobre o leite duro e sagrado da Terra. Era a glorificação da Vida que subia n'uma apoteose até

áquela cela de onde a Vida, o amor fôra bandido.

O velho escutou.

E, subitamente, indignado, mordido no coração pela cruel vibora da inveja, bradou:

— Malditos sejaes vós, os felizes! Malditos sejaes vós, os que amaes!

E, numa furia, despedaçou o violino contra as grades de ferro da janela.

Lá fôra a canção continuava, subia ao céu puro e radioso como um hino de triunfo, uma hossana de gloria.

E pelos corredores do convento, soturnos e tristes como labirintos de criptas a que não faltavam as fórmias vagas de amortalhados — os monges deslisando em silencio a caminho do côro, espalhavam-se agora as harmonias graves do orgão acompanhando os soluços de frei Gil que, de bruços sobre o catre, mordia os pulsos para não gritar...

Oldemiro Cesar.



3.º POEMA SINFONICO

JOÃO ARROIO, Op. 27.

N.º 2 — *Que bela paisagem!* — (*Observae o horisonte, os montes e o vale; as arvores e as aguas. A natureza vive mesmo até ao fundo dos rochedos.*)

TEMA INICIAL



prodigiosa no desenvolvimento, é assim descrita em cada um dos seus quatro numeros:

N.º 1—A Aurora (*A luz espalha-se e engrandece. Eis o sol!*)

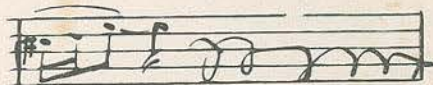
N.º 2—*Que bela paisagem!* (*Observae o horisonte, os montes e o vale: as arvores e as aguas. A natureza vive mesmo até ao fundo dos rochedos.*)

N.º 3—A Dança. (*Dança-se no salão. Dança-se na rua. De novo no salão.*)

N.º 4—A Noite. (*A canção 'E' meta noite. A sombra resoa e rumoreja. Um grito! Clamores! A calma renasce no espaço. Repouso.*)



Devido á cativante amabili-



João Arroio

O sr. dr. João Arroio é hoje um compositor musical tão altamente consagrado, como juriscultor e orador parlamentar. O seu 3.º poema sinfonico, que a mais seléta e exigente plateia de Lisboa acaba de aplaudir freneticamente, é sem duvida a obra de uma poderosa individualidade artistica.

A idéa, que presidiu á sua factura, idéa tão elevada na concepção, como



O sr. dr. João Arroio, autor do poema sinfonico.

dade do ilustre compositor, publicamos, escrito e firmado pelo seu proprio punho, o tema inicial do numero 2, que tão deliciosa impressão produziu, como aliás todos os outros. Toda a delicada e encantadora poesia do largo programa literario da genial composição é traduzida de uma forma arrebatadora. Não houve uma só nota discordante na apreciação da critica, que no dia 27 de fevereiro, dia da primeira audição do novo poema, estava largamente representada no Politeama pelos seus vultos mais autorisados.

O sr. dr. João Arroio é considerado com justiça um dos primeiros compositores portugueses, entre nós e nos grandes centros musicas do estrangeiro. Todas as suas obras, com effeito, e revelam um profundo conhecimento da harmonia, um temperamento privilegiado e a mais alta acen-tuação artistica.



RAINHA ISABEL DA ROMANIA

(CARMEN SYLVA)

Morreu no dia 3 d'este mez com 72 anos, tendo nascido em 29 de dezembro de 1842. Poucas mulheres como *Carmen Sylva* terão conservado até essa idade a formosura do semblante e do espirito, e nenhuma rainha deixou como ela o seu nome perpetuado exclusivamente pelos seus grandes meritos pessoases. Refugiando-se sob aquele pseudonimo dos reparos e tambem das cortezanias impertinentes de que podia ser alvo como rainha, Izabel da Romania tornou-se uma escritora notavel, devendo-lhe a literatura do seu paiz um formidavel impulso, que, de muito pobre e desconhecida, a guindou a uma fase opulenta e de veras apreciada de toda a Europa.

A antiga princeza de Wied, a mais encantadora rapariga do seu tempo, doutorara-se nas Universidades de Budapest e de



uma delicadeza peregrina, escrita em francez e na qual a rainha Izabel expandiu toda a finura do seu espirito e toda a inefavel melancolia do seu coração. Ambos se lêem com verdadeiro encanto.

S. Petersburgo (hoje Petrogrado) e, depois do seu casamento com o rei Carlos I, fôra o esbelto e galhardo comandante do 2.º batalhão de caçadores romenos, como é hoje comandante sua filha a princeza Maria.

Desde 1878, porém, evitara o mais possivel a vida vertiginosa da côrte e todas as exterioridades sumptuosas de que naturalmente era rodeada a sua elevada posição, e começou a entregar-se à meditação, ao estudo e aos trabalhos literarios com entranhado amor.

Começara por traduzir canções romenas escritas em alemão. Depois, com estas traduções e algumas composições suas originaes, publicou o seu primeiro volume intitulado *Poesias Romanas* e a seguir muitos outros trabalhos em verso e em prosa de raro valor literario.

Ha dois, sobretudo, que para nós dão melhor a idéa d'esse altissimo valor e das qualidades espirituais e afetivas de *Carmen Sylva*. São *O meu repouso* e os *Pensamentos de uma rainha*. O primeiro é uma especie de cronica domestica em que durante o ano engastava diariamente perolas da mais estranha pureza: todos os dias um soneto ou um pensamento, e no fim de cada mez uma ba'ada.

O segundo é uma obra de

A mão fatal



tem nos **MISTERIOS DE NEW-YORK** largos capítulos d'um interesse sempre crescente e o seu enigmático organizador e chefe rivalisa de audácia e astúcia com o *detective* Juslui Clarel.

E, afinal, quem é esse homem? Ninguém o sabe.

Um dos seus antigos cúmplices afirma que nunca nenhum dos bandidos que o servem lhe viu o rosto porque o traz sempre tapado com um lenço de quadradinhos vermelhos.

Sabe-se apenas que é homem d'uma força nada vulgar e que, n'ele, a dureza de sentimentos eguala a dos músculos.

Nos **MISTERIOS DE NEW-YORK** — o novo folhetim do *Século* — a sua identificação constitui um dos trechos mais empolgantes.



BREVEMENTE:

Lêr no "SÉCULO"
e vêr nos cinemas

Em Lisboa no OLIMPIA

A mão fatal

O 1.º episódio dos **MISTERIOS DE NEW-YORK**



Aquela que eu amo

A MONAH LEPI.

*Queria cantar o meu amôr
Em lindos versos d'uma graça infinda,
N'uma forma mais nobre e bela ainda
Que o estilo do teu côto tentador.*

*Mas não escreve a mão e treme de receio,
Com mêdo de traçar algum soneto feio.*

*Queria falar-te, e n'um murmúrio dôce,
Como se apenas fosse
O meigo roçar de asas d'uma ave,
Contar-te o meu amôr terno e suave.*

*Mas para traduzir esta paixão tão louca
Palavras não encontra a minha pobre bôca.*

*Queria adorar-te ajoelhado,
Fundindo o meu olhar no teu olhar,
Até ele de assombro se fechar
Entontecido, cego, fascinado!*

*Mas como contemplar os teus olhos tão belos
Sem t'os roubar á carne e em minha alma escondê-los?...*

*Queria apertar a tua mão nas minhas
E deixa-las contar e deixa-las dizer
Tudo o que tu presentes e adivinhas
Sem te falar e sem mesmo te vêr.*

*Mas ai! da tua mão tão leve e delicada
Em tenazes de ferro e de fogo esmagada!*

*Queria beijar-te... Um beijo só!...
Uma breve carícia vaporosa,
Como o breve e subtil roçar do pó
Nas pétalas vermelhas de uma rosa.*

*... Mas ai! pobre de ti, nem eu consentiria:
Que a tua linda bôca em cinzas ficaria!*

O VELHO MUNDO EM GUERRA

Foi um colossal triunfo o dos francezes em Verdun sustentando e depois repelindo um emba- te feroz de 500:000 alemães protegidos por nume- rosa artilharia

de todos os ca- libres varrendo literalmente os campos como o granizo varre as searas. E' um dos feitos mais grandiosos da atual guerra. A Alema- nha desesperada com a tomada de Erzerum e ou- tros desastres, embora menores, que levaram o desanimo ás tropas dos imperios centraes e origi- naram graves movimentos dos respetivos povos contra a conti- nuação de uma guerra, em que eles se conside- ram já vencidos, julgou que, rompendo as li- nhas francezas mesmo com o sacrificio dos seus melhores corpos de exerci- to, restituiria a este a fé e a con- fiança, levantando nos paizes,

que a principio ainda acreditavam no seu r de poder militar, um prestigio que acaba de se todo abalado.



Uma vedeta italiana a 3.000 metros de altitude espiando o inimigo

Para mais agrava- var o tremendo efeito moral d'este insucesso, o Kaiser, que na ciencia da guerra tem a veleida- de de ser o primeiro homem do seu tempo, assistiu a todo o mas- sacre, pouco mais do que inutil, dos seus melhores soldados, pois que apenas umas centenas de metros de avanço estão muito longe de serem compensados por uma perda não inferior a 150.000 homens entre mortos e feridos, afóra os prisio- neiros.

A luta em Verdun já não era necessaria para provar a prodigiosa resistencia do soldado francez, avigorada ainda pelo amor e pelo estoicismo com que ele defende a sua



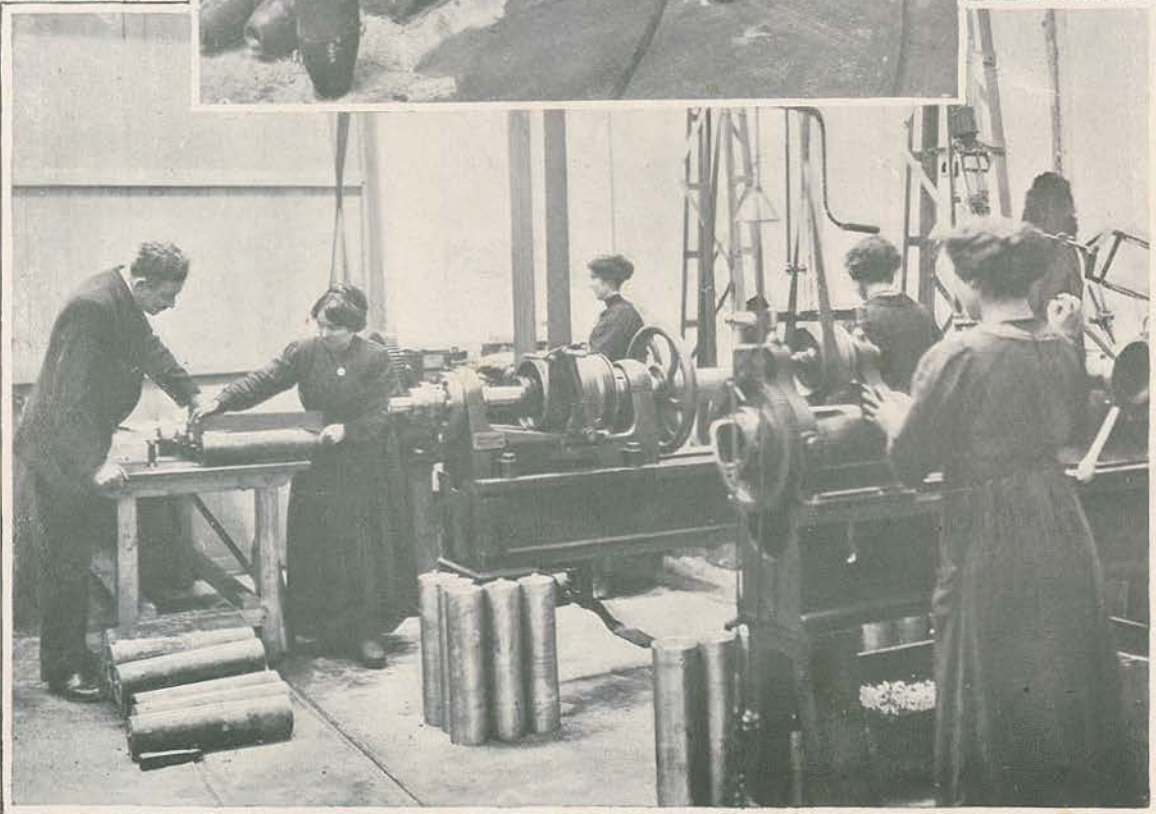
Uma sentinela franceza nas proximidades de Salonica—(Cliché Excelsior)

patria; mas era até certo ponto, a prova concludente e irrefragável, que faltava, de que realmente o seu fabrico de munições nos últimos mezes atingira proporções admiráveis em quantidade e qualidade. A' saraivada constante, durante cerca de duas semanas, de granadas e outros projecteis, despejada pela artilharia alemã, respondeu a franceza sempre com vantagem, causando admiração ao proprio inimigo o material de que a Fran-



ça dispunha para lhe deter uma investida a cujo exito ele attribue o maior alcance, como inicio de uma larga ofensiva que de ha muito os alemães vinham preparando para a primavera.

Julgam por isto varios criticos militares que o desastre de Verdun não os demoveu de proseguir essa ofensiva e que esta vaé recrudescer n'uma linha mais extensa; mas vão sempre opinando por que o resultado não lhes será mais favoravel que o d'esta tentativa.



1. O trabalho das mulheres nos utensilios de guerra—Montagem de um obus no torno—2. Ogivagem e calibragem de um obus de artilharia pesada.—(Clichés da secção fotografica do exercito francez, cedidos á Ilustração Portuguesa).



Em Cannes: — Os orfãos dos que morreram pela patria são tratados com todo o carinho pelas suas mães adotivas, que lhes estão servindo o almoço.



Os pequeninos orfãos dançam, alheios á desgraça que os feriu, animados pelas suas mães adotivas.

(Clichés Branger).

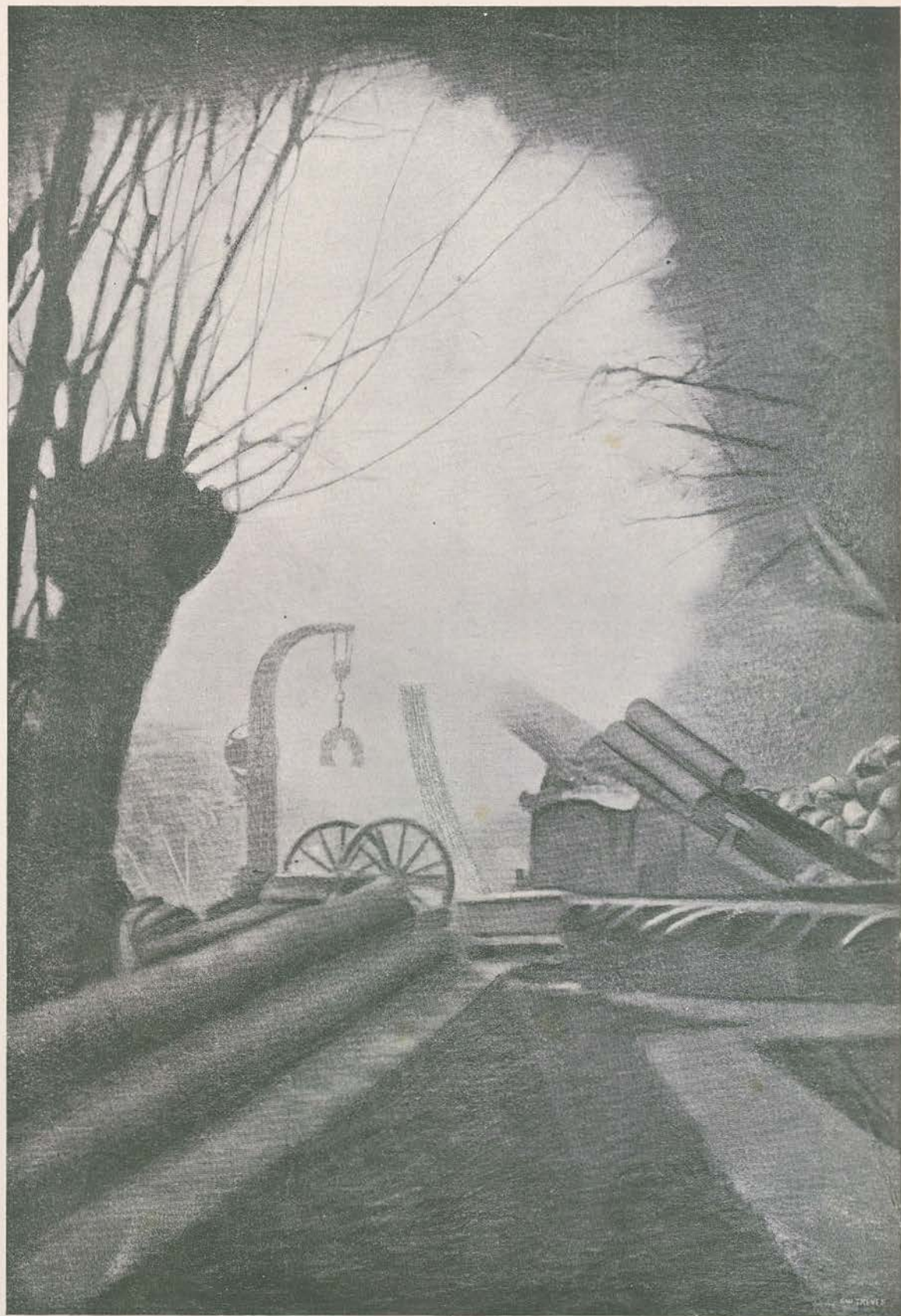
A TOMADA DE ERZERUM



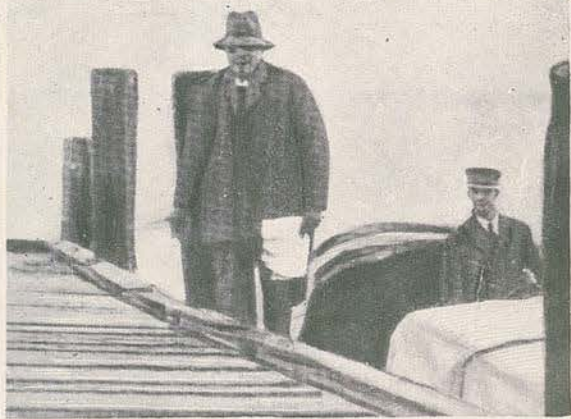
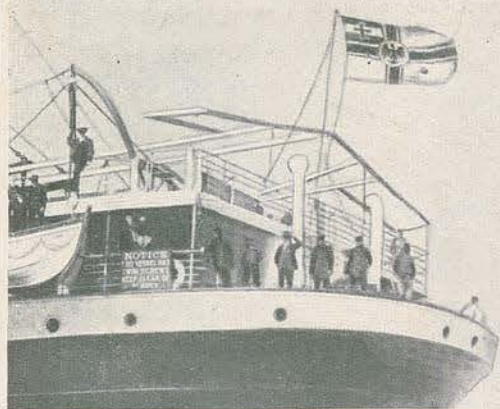
O gran-duque Nicolau Nicolaievitch

A tomada de Erzerum, a poderosa fortaleza do Caucaso, dá-nos a impressão de um d'esses feitos medievas que chegaram até nós através da admiração dos seculos. Comandados pelo gran-duque Nicolau Nicolaievitch, os russos atacaram-

na de assalto, sem dispararem um só tiro de artilharia! E os turcos, que a defendiam em numero de muitos mil e dispunham de belos canhões, não puderam resistir á avalanche humana que se desencadeou sobre eles.



Na fronteira italiana:—Luta entre a artilharia de grosso calibre. O clarão produzido por um tiro de canhão 305 durante a noite

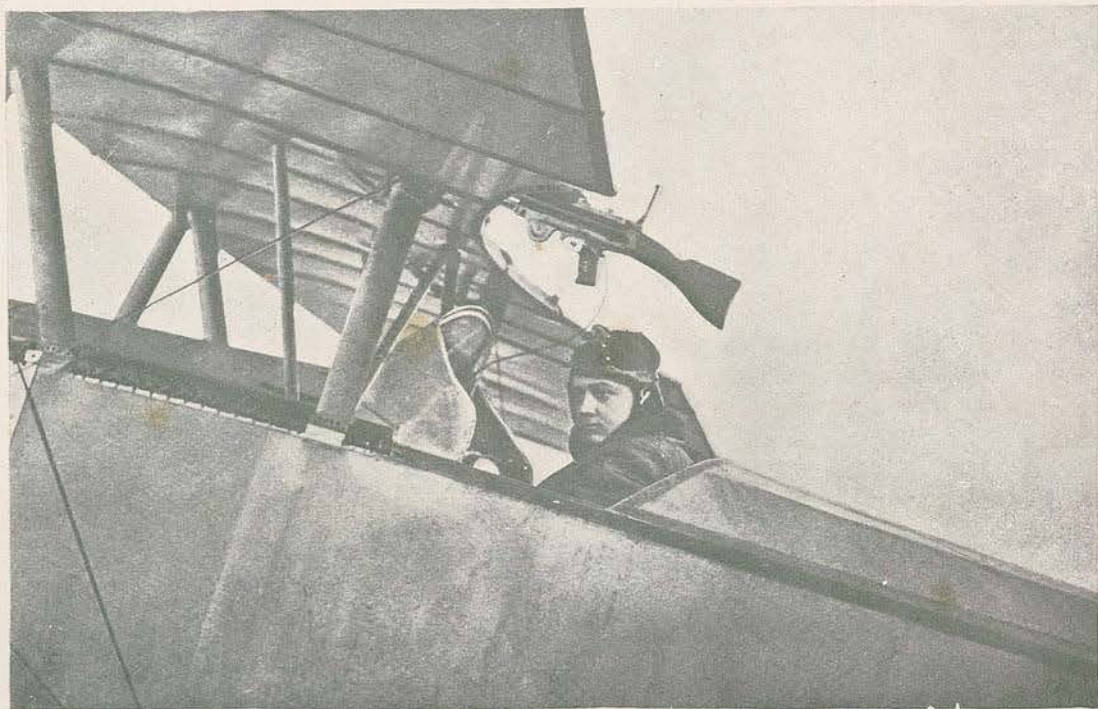


Chegada a Newport, Estados Unidos, do paquete inglês *Appam*, detido no Atlântico por um corsário alemão.

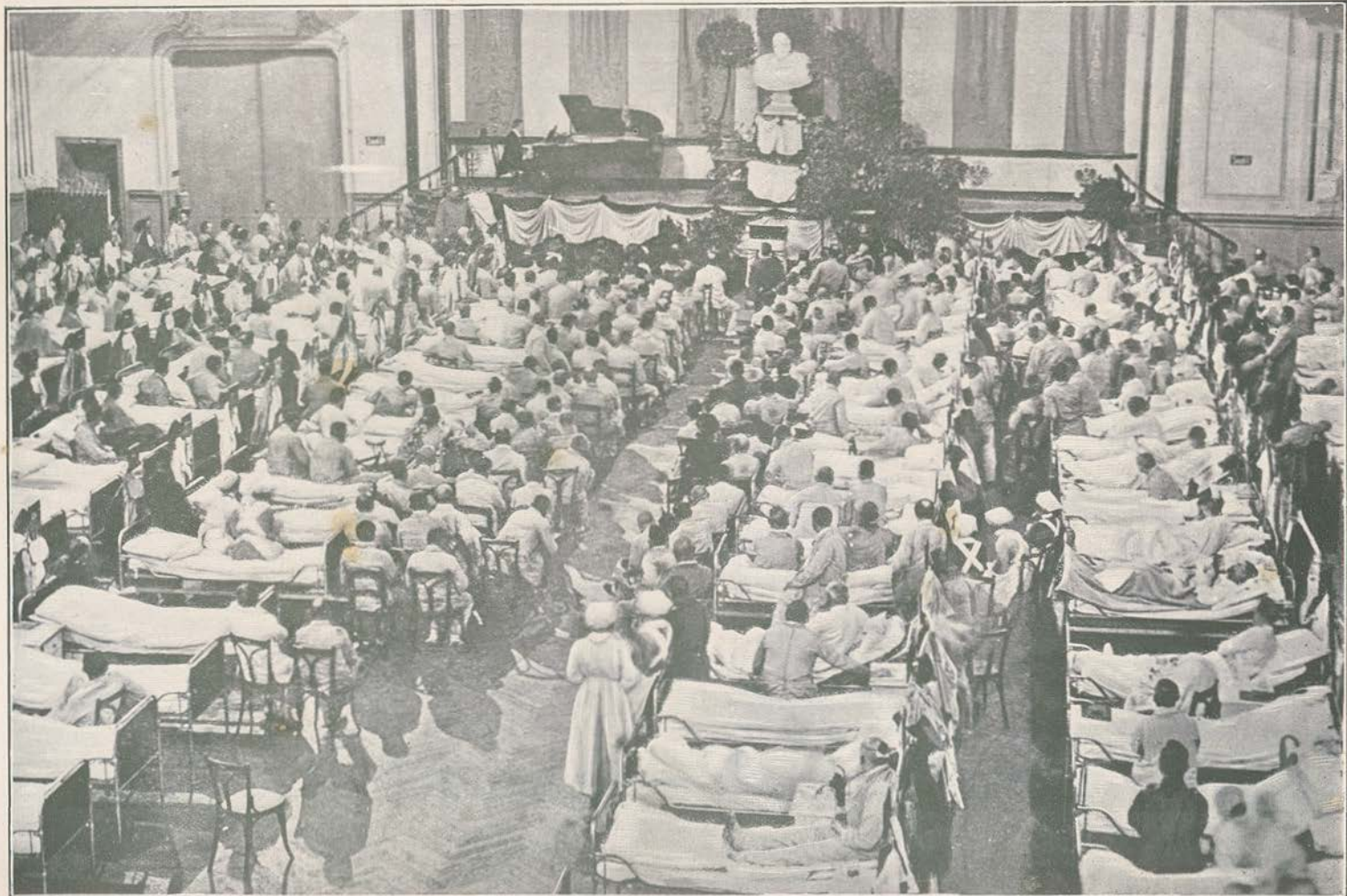
Desembarque do tenente alemão Berg, que comandava a equipagem que tomou o *Appam*.



O submarino alemão que aprisionou dois oficiais ingleses a bordo do vapor grego *Noferatousa* que traziam correspondência secreta para os aliados, reconduzindo a reboque a chalupa onde iam os livros de bordo; em volta do mirante os marinheiros alemães correspondem às manifestações de simpatia que a equipagem grega e passageiros lhes dirigem.



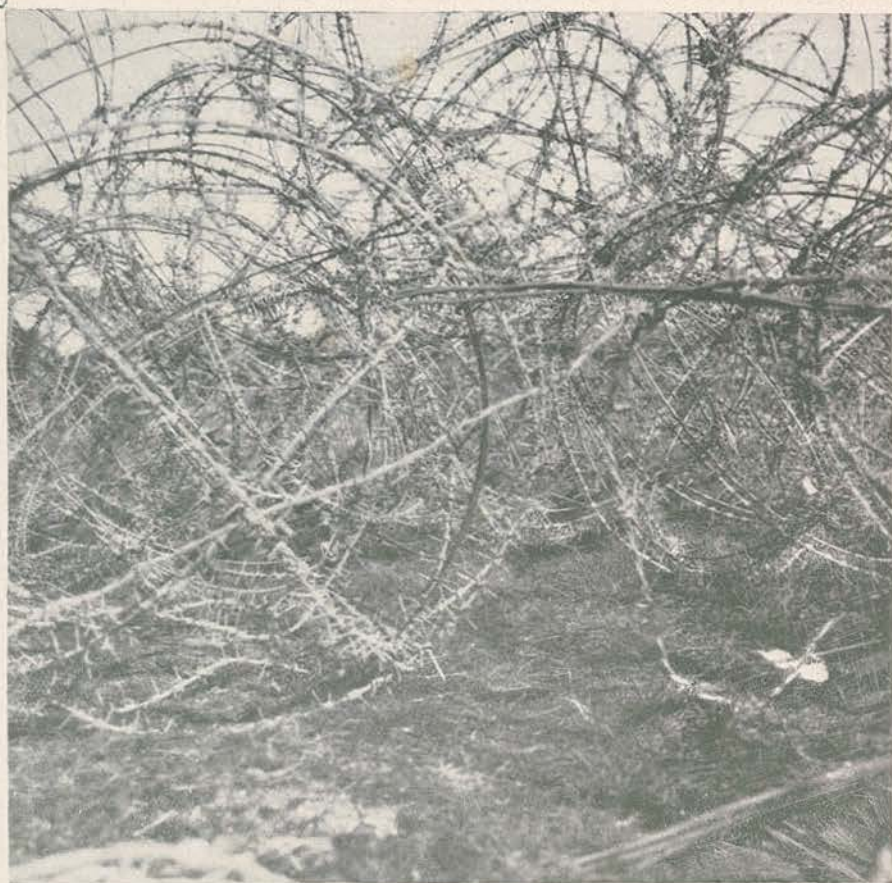
O aviador sargento-piloto Georges Guynemer, de 20 anos, que abateu já cinco aviões inimigos, condecorado com a Cruz de Guerra, medalha militar e a Cruz da Legião de Honra.



Em Berlim: — Um teatro transformado em hospital, no qual se realiza um concerto para distração dos feridos

(Cliché Branger).



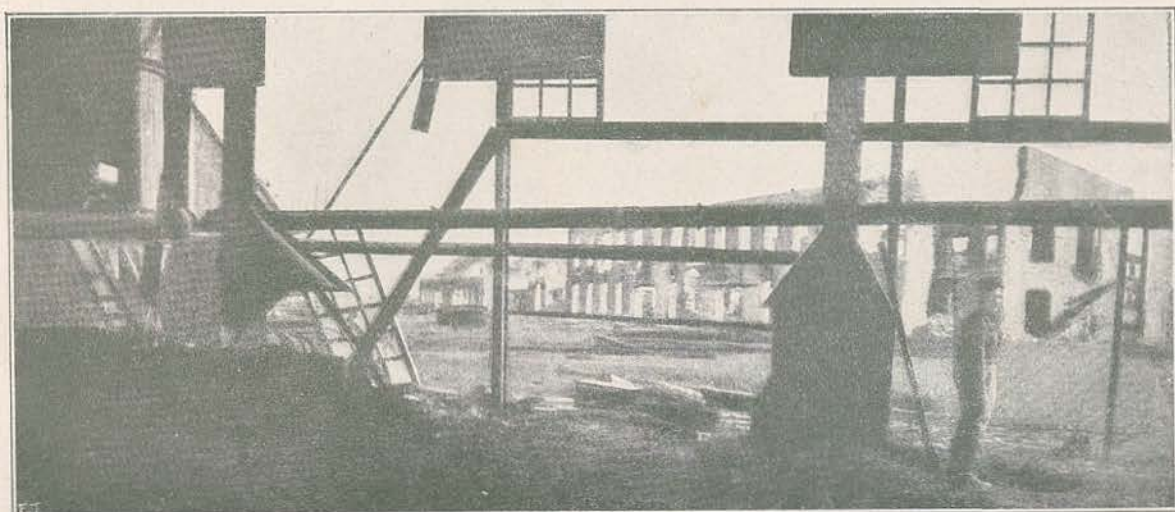


Deante das trincheiras francezas: —As defezas que os alemães jámais atravessarão

NOS CAMPOS DE BATALHA.
— Uma das notas mais interessantes que caracterizam a vida dos exercitos aliados em campanha é a da religião. N'esses milhões de homens que se defendem da ambição insaciavel da Alemanha e dos seus dignos aliados, ha muito amor pelas suas terras, muita confiança no seu braço; mas tambem ha muita fé em Deus.
E as cerimoniaes religiosas, ou sejam missas, ou sejam resposos junto dos covaes onde vão dormir o sono eterno aqueles que não teem mais sangue para derramar pela patria e lhe deram a vida até ao ultimo alento, revestem, por esses campos cobertos de vestigios de uma luta pavorosa, um aspeto mais solene, mais impressivo, mais cheio de devoção e de triste recolhimento.



Celebração de uma missa n'um dos hospitaes dos campos de batalha na Russia



*Monfalconi depois do bombardeamento dos austriacos: — 1. A igreja destruída.— 2. Efeitos de uma granada do 305.
2. Um angulo da praça.— 4. O arsenal depois do bombardeamento*



1



2

Apesar do inimigo concentrar todos os seus esforços na linha ocidental, os ingleses e francezes não esquecem um momento a questão do oriente. Ha um constante movimento de navios transportando homens e material de guerra. As tropas colonias dos dois paises constituem poderosos nucleos de forças de que ha muito a esperar quando, de um momento para o outro, se torne a agravar o conflito



3

1. Navios ingleses e francezes.—2. Inspeção a bordo de um torpedeiro.—3. Acampamento de tropas colonias.

(Clichés da secção fotografica do exercito francez, cedidos a *Ilustração Portuguesa*).



O cardeal Luçon, arcebispo de Reims, na sua catedral

(Cliché da secção fotografica do exército francez, cedido á *Ilustração Portuguesa*).

O edificio do parlamento de Ottava



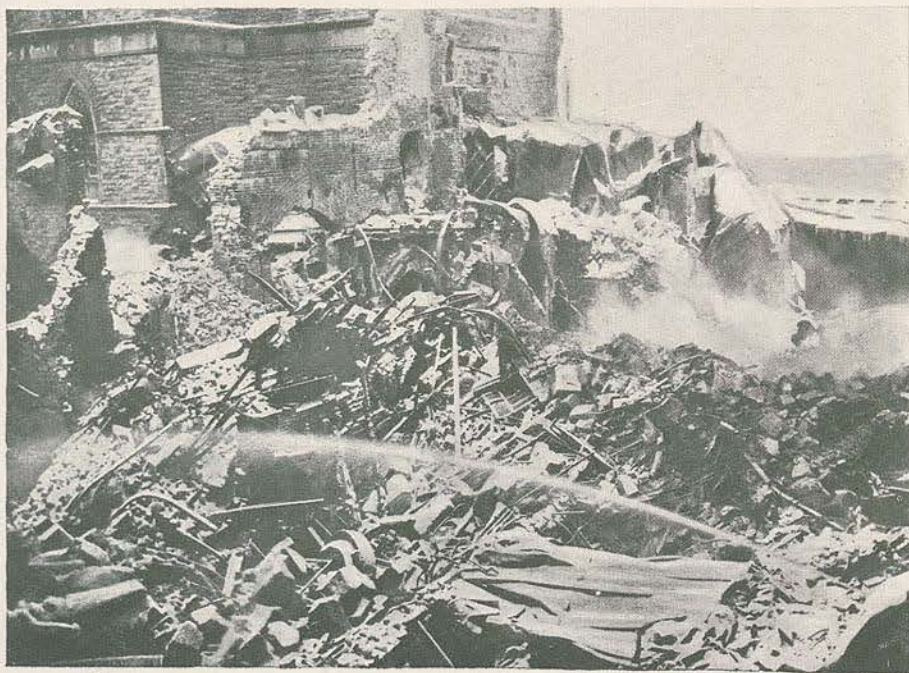
As ruínas da biblioteca onde começou o fogo

Foi uma perda enorme a do edificio do parlamento de Ottava, devorado por um incendio, cuja origem se atribue a essa rede de crimes com que os alemães espalhados por toda a parte, procuram perturbar o socego interno dos povos que tão confiadamente os acolheram e destruir-lhes tudo o que possuam, principalmente fabricas e oficinas, cujos produtos possam ser aproveitados pelos que lhes fazem guerra.

Calculam-se n'um milhão de libras os prejuizos materiais e não se registou grande numero

de victimas, porque, declarando-se o incendio á hora em que a camara dos deputados estava reunida, estes, embora com di-

ficuldade, conseguiram sair todos ilesos. O edificio era, no seu estilo, uma das belas e admiraveis oonstruções do Canadá, todo edificado em pedra «crême». Acabou-se de construir em 1865. Foi o rei Eduardo VII, então príncipe de Gales, que na sua visita áquele importante dominio inglez no Novo Mundo, lançou a sua primeira pedra. Mais tarde é que se ergueu a magestosa torre de 272 pés de altura, conhecida pelo nome do grande estadista do Canadá, Alexandre Mackenzie, a quem foi dedicada a sua construção. O fogo começou



As ruínas da sala dos deputados

na sua vasta e rica biblioteca, onde havia 200.000 volumes e devorou tudo implacavelmente, apesar dos meios de salvação que se empregaram.



Parlamento do Canadá: —Aspeto da casa do senado depois do incendio

(The Illustrated London News).



Mr. Bourgeois

Mr. Briand

O sr. Sonnino

O sr. Salandra

Durante a conferencia realizada entre os quatro ministros em 11 de fevereiro em Roma

(Desenho de G. D'Amato).

CARNAVAL EM LISBOA



No Club Brasileiro.— Algumas senhoras em costume

Os dois primeiros dias decorreram quasi sem animação nas ruas. Os teatros, tanto os espetaculos como os bailes de mascaras, tiveram concorrência enorme, brincando os espetadores á vontade, como se fosse para tirarem a desforra da monotonía do

carnaval ao ar livre. No ultimo dia, porém, um sol esplendido deu mais alegria ás ruas, especialmente á Avenida, aonde concorreu muita gente a ver as centenas de veiculos que por ali desfilaram, não merecendo nenhum d'elles menção especial.



Galeras ornamentadas que percorreram as ruas de Lisboa



Creanças premiadas no baile infantil do Teatro Nacional

A menina Maria Antonieta

A menina Clarisse da Rocha



O menino José Luiz Esteves



As meninas Raquel e Fernando Xavier.

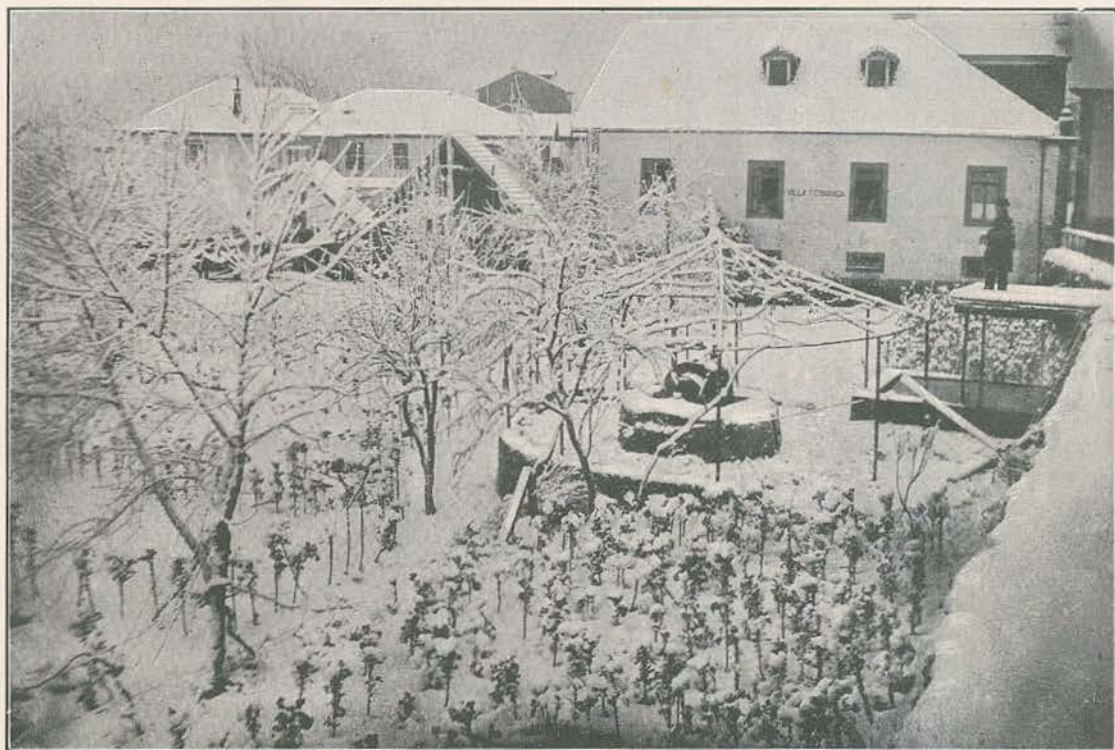
Creanças premiadas no baile do Teatro Republica



Algumas creanças que assistiram ao baile do Teatro Republica

(Clichés Benoiel).

UM GRANDE NEVÃO



A queda da neve produz lindíssimos quadros que os pinceis dos grandes pintores raro conseguem reproduzir. Não acontece o mesmo ás fotografias, como se vê pelas que inserimos e que foram tiradas pelo sr. Duar-

te Vieira da Costa, de Vizeu, na sua bela propriedade, que, na madrugada do dia 24 de fevereiro ultimo, lhe apareceu tão lindamente ornamentada pelo grande nevão que caiu sobre toda a Beira.



1. 2. Aspectos de um grande nevão em Vizeu

VIDA ARTISTICA EM PARIS

A França artista recebeu com as maiores honras o grande desenhador holandez Raemakers, que no seu jornal tem demonstrado as mais vivas simpatias pela causa dos aliados. Artista de raça, possuindo qualidades de caracter que se impõem á estima de todos os que com ele privam, Raemarkers foi recebido no salão de festas do grande periódico parisiense *Le Journal* pelos seus colegas francezes, que fizeram uma ovação estrondosa aos seus incontestaveis merecimentos. Do *comité* que deu as boas vindas ao incomparavel artista fez parte o sr. Ferreira da Costa, correspondente artistico da *Ilustração Por-*



seu inconfundivel trabalho. Ao banquete que em sua honra se realizou no Palais d'Orsay assistiu tudo o que Paris tem de mais destaque na arte e na elegancia, e na *matinée* literaria e artistica que ainda em sua honra se celebrou, recebeu a comenda da Legião de Honra como galardão ao seu talento privilegiado e como agradecimento á simpatia que nutre pelos francezes.

A *Entr'Aide Artistique*, que se formou poucos dias depois da declaração do conflito europeu, continua na sua obra de proteção aos artistas vitimados pela guerra e a seus filhos. Os artistas necessitados



3. Madame Henri Zo, a desvelada protetora das creanças acolhidas pela *Entr'Aide Artistique*, de Paris—4. Mr. Henri Zo, que, como sua esposa, tem prestado relevantes serviços na *Entr'Aide Artistique*, de Paris

n'essa festa de honra a um dos mais distintos cultores da arte.

O illustre artista holandez foi tambem recebido no *Hotel de Ville* no dia seguinte, 8 de fevereiro. A exposição dos seus desenhos no dia 10 foi imensamente concorrida sendo altamente admirado o

tugueza em Paris, que, com muita galhardia, representou o nosso *magazine*

encontram ali almoço e jantar por cinquenta centimos apenas, o que os põe ao abrigo da miseria. Madame Henri Zo tem sido de uma extraordinaria dedicação pelas creanças, procurando suavisar-lhes o infortunio que as oprime. A' utilissima instituição, que recebe donativos do governo, da municipalidade, e de particulares, poderia a nossa Sociedade Nacional de Belas Artes destinar qualquer auxilio, porque os nossos artistas tem ali o mesmo acolhimento que os nacionaes.



O sr. Ferreira da Costa, correspondente artistico da *Ilustração Portuguesa*

Pelo estrangeiro

A agricultura em Hespanha. — Os nossos visinhos estão valorizando o seu solo de uma maneira bem digna de ser imitada. O terreno maninho desapparece de dia para dia sob grandes florestas e pastagens, applicando-se á cultura cerealifera tambem uma area consideravel.

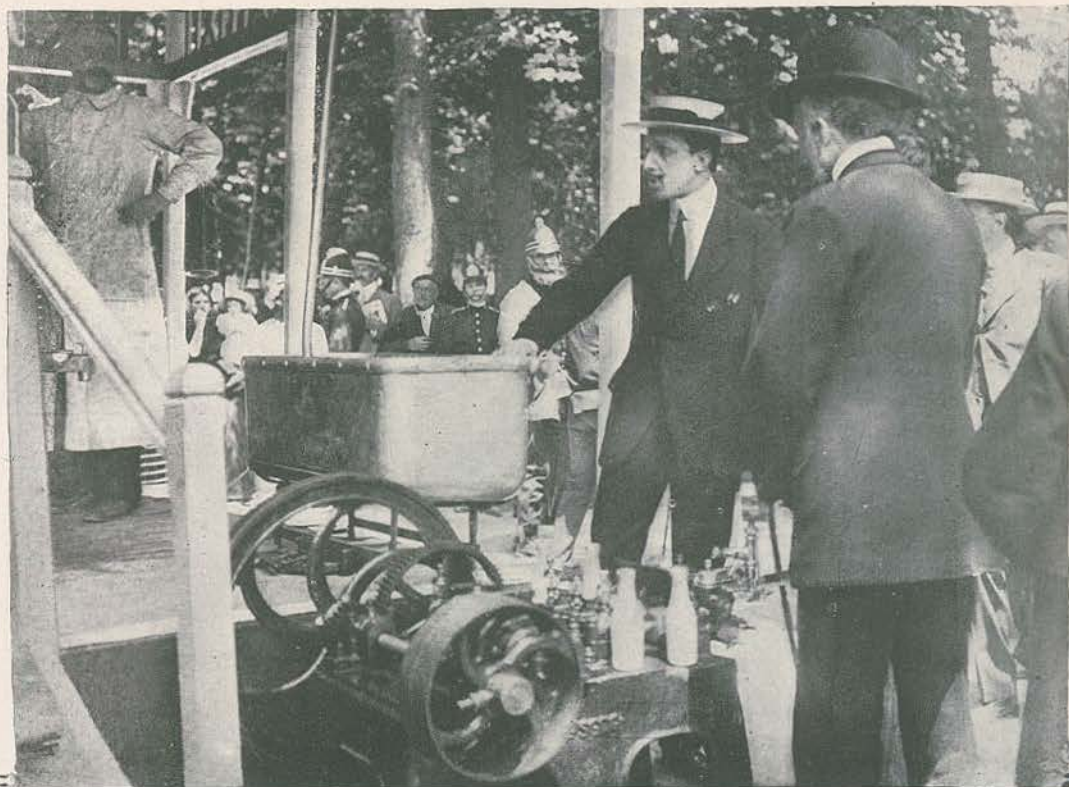
Como poucos paizes, a Hespanha tem enriquecido nos ultimos anos pelo seu trabalho, principalmente fundado na exploração das suas riquezas agricolas, construindo-se ali hoje para essa exploração maquinas que suprem perfeitamente as que ela im-



O duque de Oumberland e a princeza Vitoria Luiza alguns instantes depois do seu casamento

portava d'outros paizes.

A iniciativa dos lavradores e proprietarios ruraes teve a fortuna de encontrar poderosas e eficazes medidas de fomento. Succedem-se as exposições, os certamens animados pelas associações e pelos elementos officiaes. A' maneira do que estava fazendo a Italia antes de entrar na guerra, a Hespanha, desde que elle se declarou, viu logo o enorme partido que se podia tirar do desenvolvimento das industrias e do comercio, e meteu mãos á obra com arroj e exito extraordinarios.



O rei de Hespanha na recente exposiçáo de gado e maquinas agricolas — (Clichés Louis Hugelmann)

O primeiro concurso de pecuaria em Cabo Verde



Um bellissimo animal



1.º premio—Macho pertencente ao sr. José Costa

Na cidade da Praia, por iniciativa-

1.º premio—Egua pertencente ao sr. F. Marques Ferreira

va da junta de melhoramentos agricolas e pecuarios da provincia de Cabo Verde, realisou-se a primeira exposiçao de pecuaria e de alguns produtos agricolas que teve grande exito, mas que muito maior poderia ter tido se a mesma junta tivesse espalhado mais a noticia do interessante e utilissimo

gnificos exemplos que mereceram não só os premios com que o juri os classificou, mas a admiração das muitas pessoas que assistiram a essa parada que tanto as entusiasmou.

A' exposiçao, que se realisou nos terrenos da Varzea da Companhia, concorreram para cima de duzentas cabeças de gado, sendo digno de es-



2.º premio — Cavalo pertencente ao sr. J. Macedo

certamen e tivesse marcado com maior antecedencia o dia da sua inauguraçao. Contudo, na exposiçao, que representa um grande passo para o progresso da agricultura e da pecuaria caboverdeana, apareceram ma-



1.º premio — Cavalo pertencente ao sr. José Costa

pecial mençao um jumento apresentado fóra do concurso pelo sr. José da Costa, pelo qual ofereceram 800 escudos, assim como uma manada de gado bovino cruzado com zebra, entre o qual figurava um lin-



5. 1.º premio—Porco pertencente ao sr. Bento Levi
7. Vista parcial do sector de bovinos



VISTA PARCIAL DO SECTOR DE AZININOS — Jumento do sr. José Costa, que teve a oferta de 800 escudos Cavalos arabes padreadores pertencentes á junta de melhoramentos de Cado Verde

dissimo exemplar d'essa raça, egualmente pertencente ao mesmo creador.

Obtiveram premios os creadores srs. José Costa, Pedro Coelho, Sena, Marques Ferreira, Abilo Macedo, João Rodrigues Martins, Bento Levi, Hugo dos Reis Borges, Borges Furtado, Pedro Carlos da Fonseca, José Furtado, Gregorio



dos e cinquenta centavos, e o juri era composto dos srs. Tavares d'Almeida, Barjona de Freitas, Gavinho Gonçalves, Mario Marques e Antonio Miguel de Carvalho.

No mesmo dia foi inaugurada tambem no edificio do correio uma exposição agricola, que esteve pouco concorrida de produtos pelo motivo que já



3. Um aspecto da exposição—4. Recinto onde se classificou o gado

Furtado de Mendonça, Cabral Sacadura, Joaquim Chaves, José Antunes de Oliveira e Martins Semedo.

Os premios variaram entre dez escudos e dois escu-

apontámos. Promete, porém, ser interessante pela qualidade de exemplares que n'ela teem dado entrada depois da sua inauguração.

FARMACIA J. NOBRE

Acaba de passar por uma radical transformação esta antiga e bem conhecida casa, que durante muitos anos funcionou na rua da Mouraria e que ostenta agora a sua brilhante e artistica fachada em pleno Rocio, nos n.ºs 109 e 110 (baixos do Francfort Hotel).

O seu proprietario, o sr. J. Nobre, que é um espirito de extraordinaria atividade e que só tem de comparavel á sua energia, a sua viva inteligencia, quiz assim modernisar por completo a sua casa, fazendo dar um passo largo na via do progresso ás instalações das casas similares. Por este modo, as instalações farmaceuticas que ainda entre nós se resentiam um pouco do efeito da rotina, abandonarão agora, decerto, este feitiço antigo para se-

guirem na sua apresentação luxuosa a farmacia J. Nobre, a que nos vimos referindo com o elogio a que o seu proprietario tem jus.



O proprietario sr. J. Nobre

Com uma fachada alegre, que se deve ao bom gosto dos srs. Jose Maria Pires, Sucessores, que a construíram, é toda em branco e oiro internamente, rebrilhando em espelhos do fundo que lhe fazem realçar a beleza.

Acompanhando nós, sempre gostosamente, o progresso do nosso commercio, de boa vontade felicitamos o sr. J. Nobre por este seu arrojado, bem notavel nos tempos que vão correndo.



A fachada do novo estabelecimento

(Cliché Benoiel).